

## A EXPEDIÇÃO ROOSEVELT-RONDON E O CASO DO FILME “THE RIVER OF DOUBT” (1928)

### Alexandre Pacheco

Doutor em Sociologia (UNESP). Professor adjunto do Departamento de História da Universidade Federal de Rondônia/UNIR e Coordenador do Mestrado em História e Estudos Culturais da Universidade Federal de Rondônia. Campus Porto Velho. CEP: 78900-000. Porto Velho, Rondônia, Brasil. [nelsonfonseca4@hotmail.com](mailto:nelsonfonseca4@hotmail.com)



### Robson Mendonça Pereira

Doutor em História (UNESP). Professor do curso de História e do Programa de Pós-graduação em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Campus Anápolis CSEH. CEP. 75110-390. Anápolis, Goiás, Brasil. Bolsista do Programa de Bolsa de Incentivo ao Pesquisador (PROBIP/UEG). [robsonmenper@hotmail.com](mailto:robsonmenper@hotmail.com)



circularidade; cinema  
silencioso;  
documentário; rio da  
Dúvida

**Resumo:** Neste texto pretendemos discutir algumas possíveis evidências da participação do cineasta e engenheiro militar Major Luiz Thomaz Reis, homem encarregado de conduzir os trabalhos da Secção de Cinematographia e Photographia da Comissão Rondon, no filme americano *The River of Doubt*, de 1928, que retratou a Expedição Roosevelt-Rondon no período de dezembro de 1913 ao final de abril de 1914.

### THE ROOSEVELT-RONDON SHIPMENT AND FILM EVENT “THE RIVER OF DOUBT” (1928)

circularity; silent  
cinema; documentary;  
River of Doubt

**Abstract:** In this paper we intend to discuss some possible evidence of the participation of the filmmaker and military engineer Major Luiz Thomaz Reis, man in charge of conducting the work of the Section Cinematographia and Photographia Rondon Commission, the American film *The River of Doubt*, 1928, which portrayed the Expedition Roosevelt-Rondon from December 1913 to the end of April 1914.



Envio: 11/06/2018 ♦ Aceite: 30/07/2018

## Introdução

Neste texto pretendemos discutir algumas possíveis evidências da participação do cineasta e engenheiro militar Major Luiz Thomaz Reis, homem encarregado de conduzir os trabalhos da Secção Cinematográfica e Photographia da Comissão Rondon, no filme americano *The River of Doubt*, de 1928, que retratou a Expedição Roosevelt-Rondon no período de dezembro de 1913 ao final de abril de 1914.

Nossa hipótese é que a montadora Caroline Gentry da Companhia Produtora The Roosevelt Film Library tenha utilizado – além das imagens produzidas pelos exploradores Anthony Fiala e George M. Dyott<sup>1</sup> – certas cenas que Luiz Thomaz Reis produziu para o seu documentário desaparecido *Expedição Roosevelt ao Mato Grosso* (1915), filme que foi produzido no transcurso da Expedição científica Roosevelt-Rondon para averiguar o curso do rio da Dúvida, descoberto por Rondon durante expedição em 1909.

A despeito do fato de não haver referências nos créditos da película *The River of doubt* à figura do cineasta brasileiro – o que torna nosso trabalho até o momento, um tanto especulativo a partir de algumas evidências – partimos da premissa de que Thomaz Reis ao ter sido o cineasta oficial dos trabalhos de exploração de Rondon no interior do Brasil tornou-se homem imprescindível para a Comitativa do ex-presidente norte-americano. E isso, sobretudo pelo fato de que Roosevelt – para levar a cabo sua Expedição nos sertões do Mato Grosso e Amazonas – precisou contar efetivamente com o apoio logístico, de recursos, de equipamentos e de homens da Comissão Rondon, que à época realizava os trabalhos da Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas (CLTEMTA), abrangendo um vasto território que começava em Cuiabá e seguia pela direção noroeste entrando no território que corresponde atualmente ao Estado de Rondônia.

Tentaremos então, encaminhar alguns questionamentos e proposições sobre essa problemática.

---

<sup>1</sup> George Mille Dyott (1883-1972) foi um dos pioneiros da aviação e da exploração da Amazônia.

## A Expedição Científica Roosevelt-Rondon a um rio desconhecido na bacia amazônica

Durante os meses de dezembro de 1913 a abril de 1914, o ex-presidente Theodore Roosevelt e o coronel Cândido Mariano da Silva Rondon chefiaram os trabalhos da Expedição binacional Roosevelt-Rondon que nos estados de Mato Grosso e do Amazonas pretendeu desvendar a origem e o percurso do rio da Dúvida.

O enigma em torno desse curso d'água começou durante a Expedição de 1909, no âmbito da CLTEMTA. A Comissão chefiada por Rondon era composta por um corpo civil-militar: tenentes João Salustiano Lyra e Emanuel Silvestre de Amarante, pelo médico Joaquim Tanajura, pelo zoólogo do Museu Nacional Alípio de Miranda Ribeiro, pelo geólogo Cícero Campos, por um prático de farmácia Benedito Canavarro e pelo botânico Frederico Carlos Hoehne. A expedição totalizava quarenta e dois homens, incluindo dois guias indígenas e partiu no início de junho de Tapirapuã (MT) em missão exploratória até o rio Juruena, com o intuito de localizar a melhor direção a ser tomada para instalação de postes da linha do telégrafo (SÁ; SÁ; LIMA, 2008, pp.789-92). No dia 26 de julho, ao seguir a direção noroeste, a Comissão deparou com um rio de 12 metros de largura. Rondon tentou seguir seu curso, mas era por demais sinuoso e extravagante, e as provisões perigosamente escassas o fizeram recuar. Não por acaso, Rondon batizou aquele pequeno rio de “Dúvida”. Naquele ponto, a expedição encontrava-se em péssimas condições: a maioria de seus membros acometidos de malária, outros em estado de quase inanição, muitos nus ou em farrapos, beirando a morte, depois de a Comissão ter percorrido mais de 900 quilômetros de território inexplorado (MILLARD, 2007, p.83-5; VIVEIROS, 1958, p.402-3).

A jornada que levaria Roosevelt a se envolver com o coronel Rondon em uma expedição científica nos confins da floresta amazônica se deu por uma conjunção de interesses que tiveram seu ponto inicial numa derrota eleitoral. Em 1912, o ex-presidente Roosevelt teve o sonho frustrado de um terceiro mandato<sup>2</sup>. Tendo fama de aventureiro desde sua adolescência quando manteve contato com a fronteira oeste americana, Roosevelt passou a compensar momentos de adversidade pessoal a empreendimentos

---

<sup>2</sup> Theodore Roosevelt (1858-1919) foi presidente dos Estados Unidos entre os anos de 1901 e 1909. Houve uma tentativa frustrada de eleger-se para um terceiro mandato em 1912, em disputa dentro do Partido Republicano com então presidente em exercício William H. Taft. Venceu o páreo saindo pelo Partido Progressista, mas acabou sendo derrotado pelo democrata Woodrow Wilson (MILLARD, 2007, p.17-9).

perigosos “lançando-se a um terreno mais difícil e desconhecido, e extremo”. O safári na região centro-africana em 1909, financiado por Andrew Carnegie, quando caçou espécimes para o *Smithsonian Institution* e para o Museu Americano de História Natural de Nova Iorque, ao lado de seu filho Kermit Roosevelt, representa um destes momentos. Não seria diferente quando resolveu empreender uma turnê pelo continente sul-americano motivado por um convite do *Museo Social* argentino para proferir uma conferência (MILLARD, 2007, p.24-30).

Para atender as suas expectativas científicas, Roosevelt procurou o apoio de Henry Fairfield Osborn, presidente do *American Museum of Natural History*, de Nova Iorque, instituição que seu pai ajudara a fundar em 1869. Osborn designou o cientista Frank Chapman, chefe do departamento de Ornitologia e conhecedor da América do Sul, como assessor especial para formar uma equipe de naturalistas experientes. Escolheu para a empreitada o ornitólogo George Cherrie e Leo Miller, na condição de mastozoólogo, ambos com experiência naquela região do continente. Esse último embarcaria em Barbados (MILLARD, 2007, p.44-5).

Roosevelt de sua parte levou consigo um assistente pessoal, Frank Harper. Acabaria incorporando seu próprio filho Kermit que se encontrava enfiado no interior brasileiro envolvido na construção de uma ponte no vale do Xingu. Se de um lado, Henry F. Osborn procurava preservar o nome da instituição que representava, de outro lado, Roosevelt percebia a jornada sul-americana “como pouco mais que ‘férias agradáveis’ que lhe proporcionariam ‘a quantidade certa de aventura’” (MILLARD, 2007, p. 39), descurando de aspectos relevantes que cobraria seu preço mais tarde.

Em uma atitude no mínimo precipitada o ex-presidente designou um amigo de longa data, Padre John Augustine Zahm, para o planejamento da rota da expedição, a organização do transporte e providências quanto a provisões e equipamentos, porém, havia um detalhe, Zahm possuía conhecimentos imprecisos sobre a região, pois viajara em curto período o leste do rio Amazonas. Zahm contratou sem prévia consulta ao chefe da expedição, o fotógrafo Anthony Fiala, aparente *expertise* em viagens de exploração, que tinha no seu rol a participação em duas expedições fracassadas para alcançar o polo Norte no início do século XX, sendo que na última, em 1903, fora designado por William Ziegler

para comanda-la resultando em desastre completo com o barco encalhado no gelo ártico e fora do alcance do resgate, sendo depois acusado de completa incompetência (MILLARD, 2007, p. 40).

Em vista da ausência de experiência prévia, tanto de Zahm como do assistente Fiala em relação aos desafios oferecidos pela selva tropical sul-americana, não se esperava nada mais que caos e ruína eminente da expedição que se estava organizando. Interessante notar que nenhum dos dois chegou a descer efetivamente o rio da Dúvida, pois foram encarregados de outras missões pelo próprio Roosevelt.

Resolvido todos os preparativos, a Expedição intitulada pomposamente *Colonel Roosevelt's South American Expedition for the American Museum of Natural History*<sup>3</sup> partiu em 18 de outubro de 1913 de Nova Iorque, a bordo do Vandick. A jornada previa inicialmente a passagem pelo Brasil e depois seguir rumo a Buenos Aires e daí subir os rios navegáveis, visitar áreas escassamente povoadas e assim obter um panorama da natureza e da vida selvagem. A chegada ao Brasil se deu com breve passagem por Salvador, dali o Vandick seguiu direto para o Rio de Janeiro, capital federal, pois o ex-presidente Roosevelt tinha uma conversa agendada com o ministro das Relações Exteriores Lauro Müller que iria mudar os planos iniciais da expedição.

De acordo com Arnelles Enders (2007), mais do que ser uma iniciativa do governo brasileiro à época, a efetivação da viagem de reconhecimento do rio da Dúvida teria ocorrido devido ao talento de Roosevelt em convencer o ministro Lauro Müller, a ajudá-lo na organização da citada expedição. O chanceler e o governo brasileiro perceberam ali oportunidade de publicizar o Brasil diante do mundo através da concretização dos anseios de Roosevelt em realizar sua viagem no território brasileiro, além de também aprofundar as relações bilaterais entre os dois países que haviam começado com o Barão do Rio Branco. A partir de tais interesses, a conclamação do coronel Rondon para a organização e repartição do comando da citada expedição com Roosevelt demonstrou-se óbvia. Isso, sobretudo devido aos trabalhos que ele já estava realizando em relação às linhas telegráficas entre o que hoje conhecemos como Mato Grosso e Rondônia.

---

<sup>3</sup> Expedição Sul-Americana do Coronel Roosevelt para o Museu Americano de História Natural.

Para Candice Millard, no entanto, teria partido do chanceler Müller a oferta a Roosevelt, como uma espécie de “desafio” a oportunidade de explorar um “rio desconhecido”, remoto e não mapeado. Para tanto, consultando o embaixador Domício da Gama indicava como guia o coronel Cândido Mariano da Silva Rondon, o “heroico comandante da comissão Estratégica do Telégrafo” (2007, p. 63-4).

Rondon de início aceitou o convite de Müller a integrar a expedição com ressalvas:

Como já disse, aceitava eu o convite para acompanhar o Sr. Roosevelt, ponderando que o fazia certo de que se não tratava de excursão esportiva, mais ou menos perigosa, e de que o governo ligaria aos intuitos de Sr. Roosevelt objetivos científicos de utilidade para nossa Pátria (VIVEIROS, 1958, p. 377).

Neste trecho de sua biografia/autobiografia percebe-se como Rondon percebia a exploração do sertão. Compreendia como um empreendimento científico, mas, também como uma missão científico-militar, em contraste com o inicial tom de aventura no desconhecido manifesto nas intenções do ex-presidente Roosevelt. Rondon dedicara toda sua carreira como desbravador e sertanista, em imenso esforço na incorporação do interior brasileiro. No início de suas atividades, ainda nos primeiros anos da República, a noção de território era ainda algo problemático:

Sertão e viagens, estas vistas como expedições civilizatórias, são termos que se interpenetram. O desbravamento do sertão pode ser visto como um movimento de forte conteúdo simbólico, que acompanhou os projetos oficiais de delimitação de fronteiras, saneamento, utilização de recursos naturais, povoamento e integração econômica e política. Este movimento missionário, fortemente associado à expansão de presença do Estado, encontrou como atores sociais agentes informados pelo cientificismo - quer na versão positivista ortodoxa, quer nas versões mais heterodoxas e em interpretações evolucionistas de cunho spenceriano (LIMA, 1999, p. 67).

E neste sentido, para nuançar o contraste de personalidades, a trajetória de Cândido Rondon extraída de sua biografia intitulada *Rondon conta sua vida*, narrativa realizada por Esther de Viveiros e que se baseou na transcrição de seus cadernos de campo, pode ser bastante elucidativa. Trata-se de uma publicação póstuma, que saiu em 1958, ano de morte de Rondon que contava então com 92 anos.

Nesse texto, Cândido Rondon teria nascido em 1865 na pequena cidade de Mimoso, na região do pantanal do Mato Grosso. Desde o início frisa sua origem mestiça de “bandeirante paulista” e “indígena” (guainá, terena e bororo). Criado por seu avô materno até os sete anos, foi enviado para Cuiabá para ficar sob os cuidados seu tio Manoel Rodrigues da Silva Rondon, de quem herdou o sobrenome. Após concluir seus estudos no Liceu Cuiabano, tornou-se professor, mas sua verdadeira vocação era de “servir a nação” (VIVEIROS, 1958, p. 31).

Em 1881 como soldado no 3º Regimento de Artilharia a Cavalos, servindo no Quartel do antigo acampamento Couto de Magalhães. Segue para capital federal com o intuito de se habilitar para um curso superior, o que só conseguiu em 1884, após passar por enormes dificuldades, vindo a ingressar na Escola Militar da Praia Vermelha, instituição no qual teve como colegas o escritor Euclides da Cunha e o próprio Lauro Müller. Em 1890 recebe o título de Engenheiro Militar e bacharel em Matemática e Ciências Físicas e Naturais. Participa dos acontecimentos da Proclamação da República incitado por seu professor Benjamin Constant que o inspirou no seu ideário positivista, ainda por influência de Miguel Lemos e Teixeira Mendes (VIVEIROS, 1957, p. 36-45).

Rondon voltou para Cuiabá com o desejo de levar “a civilização que adquiri ao meu Mato Grosso e à minha Amazônia” principalmente aos seus “habitantes mais vulneráveis e desprovidos de direitos: os índios” (VIVEIROS, 1957, p. 81-2). A oportunidade de colocar suas convicções em prática surgiu ao ingressar na Comissão Construtora de Linhas Telegráficas de Cuiabá ao Araguaia, no governo de Floriano Peixoto, na condição de alferes, sob o comando do major Antônio Ernesto Gomes Carneiro, experiência decisiva para sua formação como sertanista e indigenista.

Na virada do século passou a comandar comissões e expedições ainda em Mato Grosso, vindo em 1906, no governo de Afonso Pena a se destacar na exploração do Rio Negro e da região amazônica como chefe da Comissão Rondon, como ficou conhecida a CLTEMTA que o tornou famoso no plano nacional e depois internacional. Foi nesse âmbito que resolveu criar o Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais (SPI/TN), durante o governo de Nilo Peçanha em 1910. Em várias dessas expedições se fez acompanhar de cientistas e médicos ligados a Fundação Oswaldo Cruz, de antropólogos e

etnólogos do Museu Nacional do Rio de Janeiro e outras instituições científicas, tomando o cuidado de formar um corpo de engenheiros militares para efetuar os estudos cartográficos e de exploração minuciosa das regiões cobertas pelos fios do telégrafo, guiado sempre pelo instinto de missão.

Explicam-se assim as reservas de Rondon, quando finalmente se reuniram os membros da expedição binacional em 12 de dezembro de 1913. Os temores do coronel se dissiparam quando ex-presidente escolheu entre os quatro caminhos oferecidos “o que maior número de dificuldades e imprevistos oferecia: o do rio da Dúvida” (VIVEIROS, 1958, p.377).<sup>4</sup> Acrescentou ainda:

Verifiquei que o espírito e a coragem do Sr. Roosevelt só estavam a serviço das caçadas, com o nobre objetivo de obter espécimes para o Museu. Realizar-se-ia, assim, da bacia do Paraguai à do Amazonas, a travessia de nossa imensa selva, quase desconhecida, em expedição científica utilíssima ao Brasil e altamente valiosa, e não uma excursão [sic] cinegética que não coaduna com as atividades e o caráter de nenhum de nós (VIVEIROS, 1958, p. 377-8).

O encontro entre o coronel Cândido Rondon e a Comissão norte-americana chefiada por T. Roosevelt se deu na junção dos rios Paraguai e Apa, dali levariam pelo menos dois meses até atingir o rio da Dúvida, primeiro de barco pelo rio Paraguai desembarcando na estação telegráfica e cidade de Tapirapuã (MT), seguindo em diante por mais de 650 km em lombo de mula pelo Planalto Central brasileiro, passando por outras estações telegráficas em postos avançados: Utiariti, Juruena, Vilhena e José Bonifácio. Durante esse longo percurso haveria tempo para chefes da Expedição Científica Roosevelt-Rondon se conhecer melhor e testarem suas fortes personalidades no sertão hostil e na floresta indômita que os aguardava.

A descida propriamente dita do rio da Dúvida se iniciou a 27 de fevereiro de 1914 e terminou quando encontrou em 26 de abril a foz do rio rebatizado de Roosevelt (desde 18 de março), na junção com o rio Aripuanã, afluente do rio Madeira. Dali em diante a Expedição seguiu em direção a Manaus (AM) (MILLARD, 2007, p.79; VIVEIROS, 1958, p. 420-1).

---

<sup>4</sup> Rondon ofereceu também a descida dos rios Arinos, Juruena e Papagaio.

No transcurso de cinquenta e nove dias de descida do rio desconhecido ocorreram três mortes, e a expedição foi acometida por doenças e fome que castigaram seus membros e fizeram com que o ex-presidente dos Estados Unidos por pouco não morresse na selva. Chegou à capital do Amazonas gravemente enfermo, acometido de impudismo e com uma das pernas atacada de erisipela.

Segundo a historiadora Armelle Enders, Roosevelt, então com 54 anos, [...] “nunca se recuperaria completamente de sua viagem no Brasil” (2007, p.1). Ao final dos trabalhos da expedição, o governo brasileiro homenageou o ex-presidente norte-americano dando o nome de Roosevelt ao rio da Dúvida, confirmando ato tomado por Rondon no transcurso da expedição. Após se despedir de Roosevelt em Belém do Pará, Rondon rumou para Manaus, dali seguiu pelos rios Madeira e Jamari, demandando seus esforços na instalação da estação de “Barão de Melgaço” como continuidade da ligação entre Cuiabá e o Madeira (VIVEIROS, 1958, p. 422-3).

### **Um exame do registro fílmico da expedição: *The River of Doubt* (1928)**

Ao se assistir então *The River of Doubt* poderíamos pensar ter sido ele um filme que registrou imagens da trajetória dessa Expedição no tempo em que ela aconteceu, ou seja, entre os anos de 1913 e 1914?

*The River of Doubt* se constitui como uma compilação de imagens tanto das ações e paisagens que giraram em torno da Expedição Roosevelt-Rondon, como também de cenas extemporâneas à presença de Roosevelt na região amazônica. Assim, tendo sido concebido pela Companhia Produtora *The Roosevelt Film Library* em 1928, o filme se constituiu em uma obra enaltecadora dos feitos do ex-presidente americano em solo brasileiro.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> O maior exemplo, entretanto, da ideia de que *The River of Doubt* se constituiria como um filme representativo dos feitos de Roosevelt e Rondon na Expedição pode ser percebido através do documentário do jornalista Cacá Souza, "Roosevelt Rondon A Expedição". Esse jornalista ao ter realizado pesquisas em instituições nacionais e internacionais sobre a citada Expedição, entretanto, utilizou como base de seu documentário as imagens de *The River of Doubt* como forma de positivamente demonstrar e enaltecer mais os feitos de Rondon na Expedição que do próprio Roosevelt. Utilizou-se do filme de forma nada crítica e como se cronologicamente pudesse demonstrar os caminhos percorridos por Rondon e Roosevelt, sem indicar de que se tratava de uma montagem realizada posteriormente à Expedição.

Isso pode ser notado a partir de algumas partes do filme em que a montadora Caroline Gentry intercalou o que seriam cenas mais antigas produzidas pelos cineastas Anthony Fiala ou Luiz Thomaz Reis (?) - Roosevelt a bordo de pequenos barcos, provavelmente no que seriam os rios Paraguai e Sepotuba; Roosevelt desembarcando para ser recepcionado por autoridades na Fazenda São João, no rio Cuiabá; o ex-presidente se preparando para caçar juntamente com sua comitiva; Roosevelt e o coronel Rondon segurando uma pele de onça; Roosevelt atirando em jacarés; imagens da flora e fauna do interior do Brasil; Roosevelt com Rondon e com índios Nhambiquara - com imagens produzidas pelo cineasta George Miller Dyott<sup>6</sup> quando desceu o rio da Dúvida, no final da década de 1920. Sendo que as imagens produzidas por Dyott foram utilizadas por Caroline Gentry para dar finalização ao roteiro de *The River of Doubt*.<sup>7</sup>

Como poderíamos então, levantar questões sobre a possibilidade de imagens produzidas pelo cineasta brasileiro, no transcurso da citada Expedição, terem contribuído para a produção do filme *The River of Doubt*?

De acordo com Fernando Tacca, em seu texto “A imagética da Comissão Rondon: etnografias estratégicas” (2001, p. 06), Luiz Thomaz Reis teria acompanhado entre os anos de 1913 e 1914 a Expedição Roosevelt-Rondon e nessa função teria sido um dos responsáveis pela captação de imagens que registraram nos sertões do Mato Grosso e Amazônia a passagem dessa Comissão científica que contou como já afirmamos anteriormente com o apoio logístico do coronel Rondon.

Apesar das imagens captadas por Luiz Thomaz Reis não serem passíveis de compor a totalidade de um filme, como o próprio cineasta afirmou, elas deram origem ao documentário: *Expedição Roosevelt ao Mato Grosso*, que foi apresentado em 1915, no Rio de Janeiro, no Teatro *Phoenix*, com o título *Expedição Roosevelt* (TACCA, 2001, p.6). Este filme encontra-se desaparecido segundo informações da Cinemateca Brasileira.

A despeito disso, no entanto, informações constantes na ficha técnica do filme *Expedição Roosevelt ao Mato Grosso* nos arquivos do *site* da Cinemateca Brasileira também

---

<sup>6</sup> De acordo com o site da Biblioteca do Congresso Norte-Americano - LOC, George M. Dyott foi um explorador Inglês convidado pela Associação do Memorial Roosevelt para refazer a viagem do ex-presidente ao rio da Dúvida e assim completar as filmagens da Expedição de 1914.

<sup>7</sup> Tudo isso, de acordo com nossa análise fílmica e também a partir de informações contidas no site da Biblioteca do Congresso Norte-Americano.

parecem indicar<sup>8</sup> que realmente Thomaz Reis não só teria acompanhado a Expedição, como também teria produzido imagens dela no final de 1913 e inícios de 1914:

EXPEDIÇÃO ROOSEVELT AO MATTO-GROSSO  
Filme desaparecido  
Outras remetências [sic] de título:  
EXPEDIÇÃO ROOSEVELT A MATO GROSSO  
Categorias  
Curta-metragem / Silencioso / Não ficção  
Material original  
35 mm, BP, 16q  
Data e local de produção  
Ano: 1913-1914  
Data de filmagem: 1913.12.00-1914.01.00  
País: BR  
Data e local de lançamento  
Data: 1915.11.15  
Local: São Paulo  
Sala(s): Íris  
Sinopse  
"Tirado por ocasião da viagem do ex-presidente dos Estados Unidos da América (Theodor Roosevelt) aos nossos sertões, acompanhado pelo Coronel (Cândido) Rondon", de 15 de dezembro de 1913 a 26 de janeiro de 1914. Quatro partes.  
Gênero  
Documentário  
Termos descritores  
Visita estrangeira - US  
Descritores secundários  
Expedição; Sertão; Comissão Rondon  
Termos geográficos  
MT  
Produção  
Companhia(s) produtora(s): Comissão Rondon  
Fotografia  
Operador: Reis, Luiz Thomaz  
Identidades/elenco:  
Roosevelt, Theodor  
Rondon, Cândido  
Conteúdo examinado: N  
Fontes utilizadas:  
JCB/OESP  
MLTRCR/NSP, p. 9  
FT/ICR

As informações constantes no texto de Fernando Tacca ou as informações constantes no site da Cinemateca Brasileira não nos garantem, entretanto, que imagens do filme *Expedição Roosevelt ao Mato Grosso* poderiam ter contribuído com a realização do filme *The River of Doubt*. E isso a despeito da demonstração de que a Comissão Rondon - a

---

<sup>8</sup> A partir de pesquisas realizadas em periódicos sobre o assunto.

partir de sua Secção de Filmes - teria tido mais condições em realizar as filmagens da Expedição, devido à experiência já acumulada no interior do país, que a Comitiva do ex-presidente Roosevelt.

Por outro lado, podemos afirmar que o filme *The River of Doubt* tem sido visto a partir de sua circularidade sobre um público diverso, em nossa contemporaneidade, como uma peça representativa das aventuras de Roosevelt durante a Expedição conjunta com Rondon que contou com a participação de Luiz Thomaz Reis.

Vejamos as referências que constam no site da Cinemateca Brasileira para a apresentação da película *The River of Doubt* quando da III Jornada Brasileira de Cinema Silencioso, realizada em agosto de 2009, em São Paulo:

“O Rio da dúvida”

*The River of Doubt*

EUA, 1928?, 35 mm, preto e branco, 29 min

cp: The Roosevelt Film Library; df: Luiz Thomaz Reis, Anthony Fiala, George Miller Dyott; m: Caroline Gentry.

Origem da cópia: Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos da América

Montagem feita pela criadora da Filmoteca Roosevelt a partir de imagens recolhidas durante a Expedição Roosevelt-Rondon entre o final de 1913 e primeiros meses de 1914 com o objetivo de mapear o então chamado Rio da Dúvida (depois Rio Theodore Roosevelt), afluente do Madeira. A essas imagens foram acrescentadas outras, colhidas na expedição de George M. Dyott ao mesmo rio, realizada já na década de 1920. A chegada de Roosevelt e comitiva ao Rio de Janeiro, recepção por autoridades oficiais e passeio pela cidade. Flagrantes durante a viagem pelos rios de animais, indícios da presença de índios, chegada a acampamentos de seringueiros. No relatório de viagem aos Estados Unidos em 1918, Thomaz Reis relatou algumas palavras de Theodore Roosevelt em sua conferência no Carnegie Hall.

Em artigo da revista *Época* intitulado “Retorno ao cinema mudo”, de Laura Lopes, *The River of Doubt* é mostrado como um dos destaques entre os filmes mudos da III Jornada Brasileira de Cinema Silencioso, realizada pela Cinemateca Brasileira, em 2009. No texto temos novamente a natural aceitação do cineasta brasileiro como um dos diretores da película em tela:

Um que merece atenção é O Rio de Dúvida (*The River of Doubt*), documentário feito quando da passagem de Franklin Roosevelt pelo Brasil, mas que nunca passou nos cinemas brasileiros. "O filme foi rodado em 1913, numa expedição pelo Mato Grosso e Pará, acompanhada por Marechal Rondon", afirma Souza. O filme, de 29 minutos, foi preservado na Biblioteca Nacional dos Estados Unidos, por isso ainda é inédito aqui.

Não deixe de ver: O Rio da Dúvida / The River of Doubt (EUA, 1928, 35mm, preto e branco, 29min) Dir.: Luiz Thomaz Reis, Anthony Fiala, George Miller Dyott (LOPES, 2009).

Seria então *The river of doubt* uma possibilidade de resgate de algumas imagens captadas por Luiz Thomas Reis para o filme desaparecido *Expedição Roosevelt ao Mato Grosso*?

A depender das informações oriundas dessa circularidade tardia do filme na III Jornada Brasileira de Cinema Silencioso, realizada pela Cinemateca Brasileira, poderíamos até crer que sim. Mas, em verdade, elas parecem partir da premissa um tanto quanto despreocupada de que uma vez que Thomaz Reis tenha participado da Expedição como cineasta, naturalmente suas imagens teriam sido utilizadas pela montadora Caroline Gentry em *The River of Doubt*.

É interessante notar, por outro lado, que tanto nos créditos da abertura do filme americano, como no site da Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos - pelo menos na apresentação de uma das partes da película *The River of Doubt* – não existem referências a Luiz Thomaz Reis. Sendo que na apresentação da Biblioteca americana existem referências a praticamente todos que acompanharam Roosevelt na Expedição, inclusive Fiala.<sup>9</sup>

Vejamos as referências existentes no site da Biblioteca do Congresso Norte-Americano:

Format Film, Video  
Contributors Cherrie, George Kruck  
Dyott, G. M. (George Miller)  
Fiala, Anthony  
Miller, Leo E. (Leo Edward)  
Morgan, Edwin V.  
Müller, Lauro S.  
Rondon, Cândido Mariano Da Silva  
Roosevelt Memorial Association  
Roosevelt, Edith Kermit Carow  
Roosevelt, Kermit  
Roosevelt, Theodore  
Theodore Roosevelt Association Collection (Library of Congress)  
Zahm, John Augustine  
Dates 1928  
Location Amazon River Valley

<sup>9</sup> Os principais nomes que fizeram parte da comitiva de Roosevelt de acordo com o livro *Nas selvas do Brasil* (1976) foram: Kermit Carow (filho de Roosevelt, engenheiro e explorador), Jacob Zigg (enfermeiro e cozinheiro), Anthony Fiala (explorador do ártico, cinegrafista e fotógrafo), Padre Zahm (amigo pessoal de Roosevelt), George Kruck Cherrie (naturalista) e Leo Edward Miller (naturalista). Roosevelt esqueceu-se de mencionar o nome de seu secretário Frank Harper.

Bolivia  
Brazil  
Cuiabá River  
Madeira River  
Rio De Janeiro  
Roosevelt River  
Language English  
Subjects Amazon River Valley  
Arara Indians  
Brazil  
Cuiabá River (Brazil)  
Description and Travel  
Indians of South America  
Madeira River (Brazil and Bolivia)  
Nambicuara Indians  
Palaces  
Rio De Janeiro (Brazil)  
Roosevelt River (Brazil)  
Roosevelt Rondon Scientific Expedition

É interessante percebermos como essa ausência do nome de Thomaz Reis nas referências ocorreu a despeito do fato de que tenha viajado para participar de uma Conferência de Roosevelt sobre a Expedição ao Mato Grosso, no *Carnegie Hall*, em Nova Iorque, em 1918. Viagem que foi patrocinada pela *National Geographic Society* para que ele exibisse o filme *De Santa Cruz (Wilderness)*. Sendo que de acordo com Fernando Tacca, *De Santa Cruz* foi apresentado como:

[...] um programa exótico sobre o Brasil que misturava cenas do sertão, cachoeiras, caçadas de onça e o brilhante filme *Rituaes e Festas Bororo*, de 1917, realizado um ano antes e portanto, sem relações com a Expedição Roosevelt-Rondon (TACCA, 2001, p. 6).

Mas ao contrário do que afirma Tacca, do programa constante na película *De Santa Cruz* constaria algumas partes relativas a certas filmagens que Thomaz Reis tomou da Expedição Roosevelt Rondon, como podemos notar a partir de informações constantes na ficha técnica desse filme no site da Cinemateca Brasileira:

DE SANTA CRUZ  
Filme desaparecido  
Outras remetências [sic] de título:  
WILDERNESS; SANTA CRUZ; NAS TERRAS DE SANTA CRUZ  
Categorias  
Longa-metragem / Silencioso / Não ficção  
Material original  
35mm, BP, 16q

Data e local de produção

Ano: 1912-1917

País: BR

Circuito exibidor

Exibido em São Paulo, no Central e no Royal, em 26.08.1920, e no Rio de Janeiro no mesmo ano.

Sinopse

"Reproduz a viagem pelo Mato Grosso feita pela Comissão Rondon entre tribos selvagens. (...) Concepção dramática do natural, cenas revividas dos passados tempos de Anhangüera e Itapetininga. Como viviam os índios e como festejavam as suas guerras e os seus ritos. Caçada de onça ao natural. O salto Iguaçú." "Duas partes que correspondem a cinco atos". (JCB/OESP)

"(...) seis partes: Rio de Janeiro e São Paulo, **Expedição Roosevelt**<sup>10</sup>, Jogo de bola dos índios parecis. As três últimas partes compreendiam Rituais e Festas Bororo". (MLTRCR/NSP)

Gênero

Documentário

Termos descritores

Geografia; Antropologia; Índio

Descritores secundários

Comissão Rondon; Caça; Onça; Expedição Roosevelt

Termos geográficos

Salto Iguaçú; MT

Produção

Companhia(s) produtora(s): Comissão Rondon

Fotografia

Operador: Reis, Luiz Thomaz

Conteúdo examinado: N

Fontes utilizadas:

JCB/OESP

MLTRCR/NSP, p. 3 e 9

Fontes consultadas:

Cinearte, 01.02.1928

FT/ICR

ALSN/DFB-LM

Observações:

Lançamento com o título <WILDERNESS> em Nova Iorque no Carnegie Hall, acompanhando conferência de <Roosevelt, Theodore>, 1918.

MLTRCR/NSP informa que o filme "foi exibido comercialmente em São Paulo e no Rio (...) aparentemente em nova montagem, pois a imprensa de então fala em cenas que foram citadas pelo Major no seu relatório da viagem aos EUA".

As três últimas partes podem tratar-se de <RITUAIS E FESTAS BORORO>, 1916.

Mais importante ainda seria o fato de que o próprio coronel Cândido Rondon em momento algum em seu relato, constante na biografia *Rondon conta sua vida*, chega a mencionar a participação de seu subordinado, o tenente Thomaz Reis, na expedição Roosevelt-Rondon. Da Comissão Rondon registra a participação direta do tenente João

---

<sup>10</sup> Grifo nosso.

Salustiano Lyra, engenheiro militar, do capitão médico do Exército José Antonio Cajazeiras<sup>11</sup> e do capitão Amílcar Botelho de Magalhães como chefe do transporte. Registra ainda os nomes do geólogo Eusébio Oliveira e do tenente Júlio Caetano Horta Barbosa, esse na condição de assistente em Cuiabá para confirmar longitudes. É no mínimo estranho e paradoxal que Rondon deixe de assinalar que Thomaz Reis teria ficado com a incumbência de fotografar ou filmar a expedição, algo muito comum em outros trechos de sua biografia, ao mencionar, por exemplo, o nome do fotógrafo Luiz Leduc, durante a expedição de 1908 e 1909.

Tacca ao analisar outro filme do major Thomaz Reis, *Rituaes e festas Bororo*, de 1917, assinala o papel relevante do cineasta militar para Comissão Rondon, como criador da Secção de Cinematographia e Photographia em 1912. Thomaz Reis viajou para Europa para adquirir equipamentos e se especializar como fotógrafo nos trabalhos de campo, tornando-se o principal fotógrafo e cineasta da Comissão Rondon (2002, p.189).

Nos registros fotográficos relativos à Expedição Roosevelt-Rondon mantidos no acervo da Fundação Nacional do Índio aparece sempre o nome do tenente Salustiano Lyra.

A presença de Thomaz Reis é igualmente ignorada pela jornalista Candice Millard, autora de *O Rio da Dúvida* (2007). Millard apenas faz uma curta alusão a uma câmera da marca Kodak manipulada por Frank Harper, secretário de Roosevelt, ainda a caminho do Brasil (2007, p.56), e nenhuma menção a Thomaz Reis ou ao quem coube a filmagem da Expedição Roosevelt Rondon.

A presença de Luiz Thomaz Reis na Expedição Roosevelt Rondon também não foi confirmada nos relatos do ex-presidente Theodore Roosevelt, em seu livro *Nas Selvas do Brasil*. As únicas referências dele a algum tipo de produção fotográfica ou cinematográfica foram creditadas a Anthony Fiala.

Os relatos, no entanto, são vagos e um deles aconteceu quando Roosevelt se hospedou na Fazenda São João após subir o Rio São Lourenço (afluente do Paraguai) e o Rio Cuiabá. Aí ao realizar caçadas próximas a essa fazenda, em fins de dezembro de 1913, o ex-

---

<sup>11</sup> Trabalhou como médico da CLTEMTA de 21 de janeiro de 1914 até a inauguração da linha telegráfica. O Dr. Cajazeira além dos médicos Murillo de Campos e Joaquim Tanajura “autores dos mais extensos e importantes relatórios médicos da Comissão” possuía um amplo conhecimento a respeito da medicina tropical e singularmente a respeito dos mecanismos de transmissão da malária, conforme assinalam Arthur T. Caser e Dominichi Miranda de Sá (2011, p.479-80).

presidente descreve a seguinte tentativa do cinegrafista americano em filmar alguns jaburus em movimento:

Fiala tentou tirar um filme dos pássaros naquela posição e assim, depois de preparar a máquina, pediu a Harper para espantá-los atirando um pedaço de pau no ninho. Isto feito, um deles abriu rapidamente as asas de maneira satisfatória, ao mesmo tempo que acompanhava o pedaço de pau no bico. Em seguida deixou-o cair com um ar muito cômico de desapontamento, ao perceber que não se tratava de coisa comestível (ROOSEVELT, 1976, p. 82).

Outro episódio que nos chamou a atenção foi quando Roosevelt descreve Anthony Fiala portando uma câmera no momento em que parte da comitiva do ex-presidente embarcou em canoas para realizar caçadas no rio das Antas, próximo à cidade de Cáceres, no início de janeiro de 1914:

Sáímos em quatro canoas, das quais três não passavam de pirogas de índios, com a borda rente à água. A restante era a nossa canadense, uma maravilha: leve, segura, espaçosa, feita com peças finíssimas de madeira e revestida de lona. O Cel. Rondon, Fiala com sua câmera, e eu tripulávamos esta última, além de dois remadores (ROOSEVELT, 1976, p. 98).

Roosevelt também narra em seu livro que no momento em que sua comitiva se encontrava próximo às quedas de Utiariti, no Rio Papagaio, os trabalhos de fotografia eram difíceis de ser realizados devido à grande umidade provocada pelas chuvas. A partir deste ponto, em inícios de fevereiro de 1914, Roosevelt também nos relata que Fiala continuou a descer o Rio Papagaio<sup>12</sup>, enquanto sua comitiva que contava com Rondon, seguia para a terra dos nhambiquaras (ROOSEVELT, 1976, p.139).

A partir dessa constatação sobre a não referência a Thomaz Reis tanto nos créditos do próprio filme *The River of doubt*, na ficha técnica dele no site da Biblioteca do Congresso Norte-Americano, na biografia de Rondon, na narrativa de Candice Millard em *O Rio da Dúvida* e no livro *Nas Selvas do Brasil*, mais a revelação de Roosevelt de que os trabalhos fotográficos eram dificultados pela grande umidade das chuvas nas regiões percorridas, tais percepções, enfim, nos levaram a levantar dois questionamentos:

---

<sup>12</sup> Aí, segundo Roosevelt, Fiala quase veio a morrer e perdeu todas as suas provisões quando sua canoa virou “[...] nas correntezas da garganta do Rio Papagaio” (ROOSEVELT, 1976, p. 98).

Em primeiro lugar, seriam as partes relativas às cenas da Expedição Roosevelt Rondon no programa *De Santa Cruz* também cenas do filme desaparecido *Expedição Roosevelt ao Mato Grosso*, já que *De Santa Cruz* englobaria películas filmadas entre 1912 a 1917? Uma vez que o programa *De Santa Cruz* foi exibido na Conferência de Roosevelt, no Carnegie Hall, em 1918, teria ele fornecido (em tempos mais tarde) cenas relativas à Expedição para a montadora Caroline Gentry no filme *The River of Doubt*?

Em segundo lugar, diante das adversidades para a realização de filmagens na selva - como foi revelado pelo próprio ex-presidente americano em seu livro *Nas Selvas do Brasil* - teria a Comitativa de Roosevelt as mesmas condições e a experiência que a Secção de Cinematographia e Photographia da Comissão Rondon possuía desde 1912, sobretudo se levarmos em conta que diante das condições rigorosas da selva “[...] muitas imagens fotográficas e cinematográficas foram perdidas em travessias de rios perigosos ou mesmo na revelação dos negativos quando os insetos devoravam a película, principalmente de cinema” [...] (TACCA, 2001, p. 04).

E neste sentido, as palavras do próprio Thomaz Reis são extremamente elucidativas:

Depois de seis meses de serviço, sob minha observação pessoal, pois que era a primeira vez que fazia isso no sertão, tendo por felicidade estudado a "emulsão" e o tempo de sua eficiência em zonas quentes e humidas, o que me levou a preparar aparelhos de madeira especiaes para revelar os films no local, foi então obtido com vantagem o film conhecido por "Sertões do Mato-grosso", exibido em 1915 no Rio de Janeiro e depois, em todo o Brasil" (MAGALHÃES, 1930, p.328 *Apud* TACCA, 2001, p. 4).

Assim, a partir das palavras do próprio Reis então, parece-nos claro que a Secção de Cinematographia e Photographia da Comissão Rondon possuía desde 1912 uma experiência anterior à Expedição Roosevelt-Rondon que poderia ser imprescindível para a realização de imagens dela, ainda que Anthony Fiala possuísse equipamento fotográfico e cinematográfico.

Diante dos conflitos de informações que expusemos ao longo deste texto, a presença em *The River of doubt* de cenas do filme *Expedição Roosevelt ao Mato Grosso* longe está de se constituir uma certeza. E isso, a despeito do fato de Fernando Tacca em seu artigo: “Caçada de onças: um relato etnográfico de um filme perdido de Luiz Thomaz Reis”

nos revelar que o cineasta da Comissão Rondon não só teria participado da Expedição como também

[...] “não pôde tomar cenas de uma caçada quando estava acompanhando Theodor Roosevelt, junto com Rondon (1914), porque o ex-presidente dos Estados Unidos da América não permitiu ser filmado, não queria ele aparecer em películas caçando onças no Brasil” (TACCA, 2007, p. 38).

Se as referências nos textos de Fernando Tacca, nas informações sobre a III Jornada de Cinema Silencioso ou as fichas técnicas da Cinemateca não são suficientes para a comprovação da presença do trabalho de Thomaz Reis no filme que ora discutimos, tal perspectiva nos leva a uma tentativa de resolução desse problema a partir de duas perspectivas: o estado de certas imagens mais desgastadas pela ação do tempo, bem como a experiência que algumas delas revelariam a partir do movimento de câmera que o cineasta costumava realizar diante dos objetos que filmou.

Uma análise comparativa entre o filme *The River of Doubt* e o filme *Ronuro, selvas do Xingu*, de 1924, integrante do programa *Ao redor do Brasil: aspectos do interior e das fronteiras brasileiras*, de 1932, pode indicar algumas pistas sobre a possível presença de imagens de Reis no filme americano.

*Ronuro* revela cenas de homens remando canoas ou cenas de animais sendo filmados em fileiras, que são muito semelhantes a outras existentes em *The River of Doubt*. Imagens que denotariam aquilo que Fernando Tacca afirma ser a necessidade da tomada de cenas que tivessem as ações das Expedições como objetos fílmicos (TACCA, p. 7).

Vejamos o que Fernando Tacca afirma neste sentido para o filme *Ronuro, as selvas do Xingu*, de 1924:

Esse filme faz parte de um programa com vários “curtas” intitulado *Ao Redor do Brasil - Aspectos do Interior e das Fronteiras Brasileiras*, (1932). [...] A expedição de exploração do rio Ronuro, afluente do rio Coluene, é registrada passo a passo tornando-se o próprio objeto fílmico. Com uma grande tropa de muas e um grande contingente de pessoas, a expedição é narrada desde o momento de seu caminho entre o cerrado até a mata fechada nas cabeceiras do rio. O avanço progressivo pelo inóspito com dificuldades cada vez maiores na exploração do rio torna a narrativa aventureira e perigosa adentrando um desconhecido mundo selvagem. O índio nesse filme aparece como consequência do avanço da própria expedição e não um objeto fílmico em si, e principalmente porque o encontro com grupos indígenas acontece quando o objetivo da expedição já tinha se concretizado. A câmara dentro da canoa se movimentando em *travelling*

mostrando paredes e a densa mata anuncia esse encontro com os grupos indígenas que estariam vivendo dentro da inatingível selva, ou mesmo a narrativa nos leva por caminhos os mais penosos para o encontro com o índio (TACCA, 2001, p. 7).

Assim, vemos como no final da primeira parte de *River of Doubt* temos a filmagem de tropas de muares a partir da mesma perspectiva realizada no início do filme *Ronuro*, ou seja, como se estivessem demonstrando um avanço da Expedição, de forma a dar mais ênfase aos animais que aos homens que os acompanharam, procurando-se uma valorização da necessidade de um elemento não humano diante da natureza bruta para o avanço da civilização para o interior do país.

Tais imagens de animais em sequência bem poderiam denotar aquilo que Tacca afirma como sendo o olhar de Thomaz Reis:

[...] que elege, recorta, edita a ação e sempre com uma “câmara na mão”; Rondon é um segundo olhar, compreensivo e incentivador; olhares irmanados. Se Reis era o olhar direto da ação em campo, Rondon era o articulador da visibilidade desse olhar no âmbito nacional (TACCA, 2001, p. 23).

Neste sentido, tais imagens viriam ao encontro dos interesses de publicização por parte de Rondon do avanço do nacional sobre povos e terras que deveriam ser incorporados à Pátria brasileira.

### **Considerações Finais**

Para concluirmos, diante de tudo o que discutimos sobre as relações entre Thomaz Reis e o filme americano, mesmo diante das similitudes que possam existir entre certas imagens da película *The River of Doubt* e de outros filmes do cineasta brasileiro como *Ronuro*, no final das contas nossas afirmações ainda se limitam ao nível de uma especulação sobre as evidências que viemos demonstrando ao longo deste texto, não sendo tais evidências ainda suficientes para que possamos efetivamente demonstrar, de forma mais contundente, que o trabalho de Thomaz Reis possa estar presente em *The River of doubt*.

## Referências

CASER, Arthur Torres; SÁ, Dominichi Miranda de. O medo do sertão: a malária e a Comissão Rondon (1907-1915). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.18, n.2, pp.471-497, abr.-jun. 2011.

ENDERS, Armelle. Um presidente americano na selva. *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro, nº11, p. 31-33. out. 2006. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/capa/um-presidente-americano-na-selva>> Acesso em: 23 de maio de 2014.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*. São Paulo: USP, v.5, n.11, p.173-190, jan/abr. 1991.

LIMA, Nísia Trindade. *Um sertão chamado Brasil: intelectuais e representação geográfica da identidade nacional*, 1999.

LOPES, Laura. Retorno ao cinema mudo. *Época*, São Paulo, 07 ago. 2009. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI86869-15210,00.html>>. Acesso em 08 ago. 2013.

MILLARD, Candice. *O Rio da Dúvida: a sombria viagem de Theodore Roosevelt e Rondon pela Amazônia*. Tradução de José Geraldo Couto. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

PEREIRA, Robson Mendonça. Autobiografia e projeções do heroísmo nos diários de Cândido Rondon. In: VII Simpósio Nacional de História Cultural: História Cultural: escritas, circulação, leituras e recepções. 2015, São Paulo, *Anais...* São Paulo: USP, p.1-12. Disponível em: <http://gthistoriacultural.com.br/VIIsimposio/conf-R.php>. Acesso em 23 out. 2015.

ROOSEVELT, Theodor. *Nas Selvas do Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1976.

SÁ, Dominichi Miranda de; SÁ, Magali Romero; LIMA, Nísia Trindade. Telégrafos e inventário do território no Brasil: as atividades científicas da Comissão Rondon (1907-1915). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.15, n.3, pp.779-810, jul.-set. 2008.

TACCA, Fernando de. “A imagética da Comissão Rondon: etnografias fílmicas estratégicas.” In: 25º Encontro Anual da ANPOCS, 2001, Caxambú, *Anais...* Caxambú: ANPOCS, 2001, p.1-24. Disponível em: [http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com\\_docman&task=doc\\_view&gid=4599&Itemid=356](http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=4599&Itemid=356). Acesso em: 22 mai. 2013.

TACCA, Fernando de. *Rituais e festas Bororo: A construção da imagem do índio como “selvagem” na Comissão Rondon*. In: *Revista de Antropologia*. São Paulo: USP, 2002, v.45, n.1, pp.187-219.

TACCA, Fernando. Caçadas de onças: um relato etnográfico de um filme perdido de Luiz Thomas Reis. *Somanlu*. Manaus, n. especial, p. 37-46. 2007.

TEIXEIRA, Francisco Elinaldo (org.). *Documentário no Brasil: tradição e Transformação*. São Paulo, Summus Editorial, 2004.

VIVEIROS, Esther. *Rondon conta sua vida*. Rio de Janeiro: Livraria São José. 1958.

### Documentários

REIS, Luis Thomaz. *Ao redor do Brasil*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=k1j06pYHmiw>

*The River of Doubt* (part one). Library of Congress of the United States. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?feature=episodic&v=fKXOtJeaTEQ&NR=1>

*The River of Doubt* (part two). Library of Congress of the United States. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=ToqblXc05us>

SOUZA, Cacá. *Roosevelt Rondon: A Expedição*: disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=zzsLoucJgiw>

### Sites visitados

Cinemateca brasileira: <http://www.cinemateca.gov.br/>

Library of Congress of the United States: <https://www.loc.gov/item/mp76000367>

III Jornada brasileira do cinema silencioso: <http://www.cinemateca.gov.br/jornada/2009/programacao.php>

